

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O CAPITALISMO E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: uma revisão sobre incertezas e flexibilizações do mercado atual brasileiro

Glaydson Campelo de Almeida Rodrigues¹

RESUMO: Este artigo destaca o valor fundamental do trabalho para a dignidade humana, para a identidade do sujeito e para a estruturação política, econômica e social de uma nação. Portanto, o estudo trouxe o problema da crescente precarização do trabalho ante as demandas da globalização e do capitalismo, abordando a relação do capitalismo com a precarização do trabalho atual. De forma preliminar, destaca o impacto de inseguranças e incertezas no trabalho e como a flexibilização nas formas de trabalho afetam direitos e garantias trabalhistas. A revisão bibliográfica permitiu concluir que o conceito de precarização no trabalho segue paralelo ao de flexibilização, onde incertezas e inseguranças se somam à causa, à informalização e aos falsos auto empregos, gerando riscos e vulnerabilidades à classe trabalhadora, prejudicando também a regulamentação do mercado e as garantias de direitos trabalhistas.

Palavras-chave: Capitalismo. Incertezas. Trabalho. Precarização.

ABSTRACT: This article highlights the fundamental value of work for human dignity, for the identity of the subject and for the political, economic and social structuring of a nation. Therefore, the study brought up the problem of the growing precariousness of work in the face of the demands of globalization and capitalism, approaching the relationship of capitalism with the precariousness of current work. In a preliminary way, it highlights the impact of insecurities and uncertainties at work and how flexible working arrangements affect labor rights and guarantees. The bibliographic review allowed us to conclude that the concept of precariousness at work follows parallel to that of flexibility, where uncertainties and insecurities are added to the cause, informalization and false self-employment, generating risks and vulnerabilities to the working class, also harming the regulation of work market and guarantees of labor rights.

Keywords: Capitalism. Uncertainties. Job. Precariousness.

¹ UFMA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO; advogado e mestrando em Políticas Públicas; glaydson.arodrigues@gmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

Os trabalhadores percorrem a vida em busca de satisfazer suas necessidades. Por isso, a luta pelo trabalho digno nada mais é do que a finalidade existente diante das necessidades de cada ser humano. Todavia, no decorrer da construção histórica do homem enquanto ser social, o entendimento do termo “trabalho” se modificou, despindo-se, ao longo dos tempos, da concepção relacionada apenas ao esforço e sofrimento empregados na realização de tarefas para, finalmente, compreendê-lo sob a perspectiva da dignidade humana, destacando seu valor essencial. E é na relação de trabalho e subjetividade que o pensamento de Dejours (2004, p. 45) torna-se esclarecedor:

O trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar. O trabalho não é, como se acredita frequentemente, limitado ao tempo físico efetivamente passado na oficina ou no escritório. O trabalho ultrapassa qualquer limite dispensado ao tempo de trabalho; ele mobiliza a personalidade por completo.

Desta forma, considera-se que desde a reorganização política, econômica e social ocorrida mais notadamente a partir do século XX, o trabalho se sobressaiu enquanto fundamental para construir a identidade do sujeito, configurando-se, então, como base estrutural tanto para os indivíduos quanto para a sociedade, uma vez que tem impacto direto na qualidade de vida, na posição socioeconômica, na socialização, no desenvolvimento da identidade e na autoestima da classe trabalhadora inserida no sistema capitalista.

Sobre isso, Antunes (2014) salienta que devido à disseminação do neoliberalismo, a partir de 1990, o processo de reestruturação produtiva, por meio de padrões organizacionais e tecnológicos inovadores, vem se estabelecendo no Brasil com novos modelos de organização do trabalho, onde a introdução de métodos participativos, em função das imposições das empresas transnacionais,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



estimula a adoção de técnicas inspiradas na acumulação flexível, que segundo Harvey (1992, p. 140):

[...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

Nesse cenário, os direitos relativos ao trabalho e à proteção social emergem como obstáculos à competitividade requerida pelos capitais globais, trazendo como consequência o desmonte da legislação social protetora do trabalho, haja vista que a segurança social, a regulação do mercado de trabalho e a forte presença de sindicatos são apontadas como causas principais de dificuldades econômicas em tempos de crise global. Logo, alerta-se que, ao flexibilizar tais legislações, ampliam-se também as formas de precarização do trabalho e os direitos sociais que foram a duras penas conquistados pela classe trabalhadora (ANTUNES, 2011).

Assim, resta claro que estudar sobre o trabalho e suas implicações na sociedade é muito desafiador, dada a complexidade, a subjetividade, as particularidades e a grande abrangência do estudo. Contudo, considerou-se como problema para desenvolver este artigo a necessidade de entender e fazer sobressair a crescente precarização do trabalho no contexto social e organizacional brasileiro, que tem se transformado com acelerada constância e vem exigindo significativas e, não raro, desfavoráveis adequações dos trabalhadores para atender as demandas do capital global.

Desta forma, o objetivo geral deste estudo é discorrer, ainda que preliminarmente, sobre o capitalismo e a precarização do trabalho na atualidade brasileira, buscando, de maneira mais específica, evidenciar o impacto das inseguranças e incertezas que se avolumam no universo do trabalho, compreender os rebatimentos da flexibilização nos modelos trabalhistas nos direitos e garantias dos trabalhadores e discorrer sobre o fenômeno do precariado em âmbito nacional.

PROMOÇÃO



APOIO





2 CAPITALISMO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: uma tendência histórica

A globalização dos mercados e do capital aumentou a concorrência entre empresas e pressionou a minimização dos custos do trabalho, reduzindo a quantidade de trabalhadores efetivos, terceirizando grande parte de tarefas e reduzindo salários. Esta dinâmica favorece o recrudescimento da força de trabalho mais fluida, periférica e flexível que abarca, sobretudo, trabalhadores contratados de forma parcial e temporária, inclusos, também, os pequenos empresários. Admite-se que, neste cenário, o trabalho fora tomado como principal fator de ajustamento para a competitividade dos mercados internacionais e, cada vez mais, a redução drástica - e até a extinção de empregos estáveis com jornadas integrais - vem cedendo espaço para empregos mais flexíveis (KOVÁCS, 2003).

Druck (1999) corrobora afirmando que a crescente redução de empregos estáveis, somada ao crescimento de trabalho flexível, implica no aumento de condições precárias e desprotegidas no âmbito laboral. Nisto, é útil compreender que a precarização do trabalho é o fator central da dinâmica do capitalismo que gera novas condições de vulnerabilidade social. Ou seja, é um processo social que altera as condições de trabalho assalariado e estável e aponta para a instabilidade e a insegurança; estas, permeiam as relações de trabalho ante o imperativo da adaptabilidade, da fragmentação das relações sindicais e da dissipação do conteúdo dos direitos sociais e trabalhistas. É nesse contexto de flexibilização que Antunes (2015, p. 234) destaca:

A flexibilização pode ser entendida como “liberdade da empresa” para desempregar trabalhadores; sem penalidades, quando a produção e as vendas diminuem; liberdade, sempre para a empresa, para reduzir o horário de trabalho ou de recorrer a mais horas de trabalho; possibilidade de pagar salários reais mais baixos do que a paridade de trabalho exige; possibilidade de subdividir a jornada de trabalho em dia e semana segundo as conveniências das empresas, mudando os horários e as características do trabalho (por turno, por escala, em tempo parcial, horário flexível etc.), dentre tantas outras formas de precarização da força de trabalho.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Nota-se que o desenvolvimento da economia capitalista se processa na contradição entre produção e consumo que se gera através da imposição da própria produção, originando, desse jeito, um processo cumulativo de tensões, que se resolvem nas crises econômicas. Depreende-se, assim, que tais crises fazem parte da dinâmica capitalista, em virtude da fase de acumulação que a precede. Esta, por sua vez, incide na aplicação da mais-valia, sendo necessária para ampliar e reproduzir o processo produtivo que se faz na compra de meios de produção e de forças de trabalho de forma imperativa (GOMES, 2020).

Posto isto, se deduz que para concretizar a acumulação é preciso consumir, produtivamente, uma parte da mais-valia. Assim sendo, a pulsão à valorização do capital se configura ilimitada e ocasiona buscas incessantes por massas de capitais, que vão se avolumando cada vez mais à custa de rapinagem e de expropriações sobre a classe trabalhadora e a vida social. Daí, entende-se também que a tendência do capital é aumentar a taxa dos lucros, por meio da desvalorização da força de trabalho, a qual incide sobre os salários, a jornada de trabalho, o grau de exploração da força de trabalho e o aumento do exército de reserva (GOMES, 2020).

Com esse modelo de flexibilização e maior acumulação do capital, é possível compreender a dinâmica do capitalismo e suas contradições, através da análise das relações sociais com o modo dominante de produção. A natureza do capitalismo se explica na deflagração das crises, que só podem ser compreendidas como resultado das contradições da acumulação capitalista baseadas na exploração do tempo de trabalho excedente, com vistas ao incremento de mais-valia (MARX, 2002).

Dada a grande fragmentação dos espaços no mundo do trabalho, alguns segmentos da sociedade estão em situação de exclusão em relação ao trabalho, e enfrentam maior vulnerabilidade social e cultural, além do desemprego. Diante do extraordinário impulso da acumulação capitalista, cada vez mais destruidor, as condições de vida de muitos trabalhadores seguem em brutal degradação imposta pelas crises que evidenciam a tendência histórica do capitalismo (FONTES, 2008).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



À vista disso, Dal Rosso (2017) argumenta que o modelo de acumulação flexível passou a ser uma questão estrutural e não mais conjuntural:

Transforma tempos de não trabalho em tempos laborais para a geração de valor e acumulação de capital num processo de amplitude global. Deflagra tempos distintos de exploração laboral, concentrados nas desigualdades de cargas horárias, conseqüentemente de remunerações, desigualdades que se expressam por meio de gênero, raça, idade e classe, entre outros (DAL ROSSO, 2017, p. 266).

Neste sentido, tem-se que a precarização do trabalho resulta da expansão das atividades capitalistas advindas das crises do fordismo e do Estado de bem-estar-social a partir dos anos 1970, quando da implementação de processos de reestruturação produtiva e da aplicação de políticas neoliberais. A partir daí é que "[...] o mundo do trabalho passa a ser regido cada vez mais pelas oscilações de mercado, e para tanto, é necessário que indústrias e empresas prestadoras de serviços tenham maior flexibilidade de contratação e demissão de pessoal" (AQUINO *et al*, 2014, p. 177). Assim, Antunes (2020, p. 157) assevera:

Trata-se de uma hegemonia da “lógica financeira” que, para além de sua dimensão econômica, atinge todos os âmbitos da vida social, dando um novo conteúdo aos modos de trabalho e de vida, sustentados na volatilidade, na enfermidade e na descartabilidade sem limites. É a lógica do curto prazo, que incentiva a “permanente inovação” no campo da tecnologia, dos novos produtos financeiros e da força de trabalho, tornando obsoletos e descartáveis os homens e mulheres que trabalham.

Uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostrou que, no primeiro trimestre de 2022, o número de trabalhadores subutilizados no Brasil, ou seja, a soma dos desempregados, subocupados, desalentados, e os que não procuram mais por empregos por diversas razões, alcançou 26,8 milhões de pessoas, sendo o maior índice neste sentido desde 2012 (IBGE, 2022). No mesmo período, o número de trabalhadores por conta própria (sem CNPJ - *Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica*) aumentou em 616 mil. Essas estatísticas refletem o cenário de precarização social e do trabalho no qual está inserida a população brasileira.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Antunes (2015) explica que o desemprego alimenta o fenômeno da precarização, visto que, em virtude da necessidade de suprir suas carências básicas e sob a ameaça de inserção na pobreza – ou até de se perpetuar nesta condição –, os indivíduos são induzidos a optar entre o desemprego completo ou aceitarem o privilégio da servidão, da terceirização, da informalidade, da intermitência ou de outras opções laborais com baixa remuneração e grande instabilidade.

3 PRECARIADO: o mercado de inseguranças e incertezas

Antunes (2014) disciplina que é por meio do trabalho que outras relações são exercidas, ou seja, o desenvolvimento de matérias relacionadas ao meio social é estabelecido e o homem deixa de ser um ser primitivo e passa a desenvolver sociabilidade. Nisso, percebe-se que, sem o trabalho, o homem não conseguiria transformar ou produzir, ou seja, não produziria nada para satisfazer suas necessidades básicas enquanto ser dependente do trabalho. O processo de humanização do homem passa a ser formado, então, pelo desenvolvimento do trabalho, sendo este um argumento fundamental para o estabelecimento das relações sociais e o consequente desenvolvimento dos seres na prática social, no processo de integração ao sistema do capital.

Contudo, em pleno século XXI, estando a população mundial estimada em mais de 07 (sete) bilhões de pessoas, a crise no mercado de trabalho é bastante preocupante e o emprego já é privilégio de poucos. Destarte, Pochmann (2010, p. 60) coloca que:

O Brasil vive a mais grave crise do emprego de sua história. Nem a transição do trabalho escravo para o assalariamento, no final do século XIX, nem a depressão econômica de 1929, nem mesmo as graves recessões nas atividades produtivas nos períodos de 1981-1983 e 1990-1992 foram capazes de proporcionar tão expressiva quantidade de desempregados e generalizada transformação na absorção da mão-de-obra nacional quanto a que se pode ser identificada nos dias de hoje.

PROMOÇÃO



APOIO





Nesta conjuntura, Antunes (2011) explica que o mundo do trabalho sofreu grandes modificações, em especial nas últimas décadas do século XX, quando a concepção de trabalho e a forma de vivenciá-lo estão permeadas por paradigmas que priorizam produções descentralizadas: predomina uma doutrina de acumulação flexível; a empresa enxuta; a implantação de programas de qualidade total; e técnicas japonesas de gestão que se flexibilizam por meio da automação e da prática de contratos trabalhistas que focam patamares superiores de qualidade e de produtividade, em detrimento da produção de bens padronizados e em larga escala.

Nessa esteira, Standing (2013) aponta que o debate sobre o precariado assumiu destaque a partir dos contratos de trabalho intermitentes nas relações de emprego. Assim seria o trabalhador precariado:

Não é correto equiparar o precariado a trabalhadores pobres ou apenas a emprego inseguro, embora essas dimensões estejam relacionadas com o precariado. A precariedade também implica uma falta de identidade segura assente no trabalho, ao passo que os trabalhadores com alguns empregos que proporcionam baixos rendimentos podem estar a construir uma carreira (STANDING, 2013, p. 33).

O cenário é caracterizado por incertezas e inseguranças crônicas, associadas à casualização, à informalização, ao regime de tempo parcial e aos falsos auto empregos², e trazem à existência o conceito de “precariado”, já definido por Standing (2014) como uma nova classe trabalhadora que vivencia riscos e vulnerabilidades significativos, devido à sua trajetória desprotegida em caráter legal e social.

Sobre isso, é oportuno elucidar que o conceito de precarização segue paralelo ao de flexibilização no mundo do trabalho, movimento este que altera a regulamentação do mercado e a garantia de direitos trabalhistas. Portanto, incide na redução da oferta de empregos típicos ou permanentes de tempo integral e faz com que a força de trabalho excedente do mercado formal, eventualmente passe a

² Aqui entendido como uma forma de trabalho que se desenvolve fora das relações tradicionais de emprego, caracterizadas pela subordinação a um empregador. O autoemprego pode envolver a criação de um negócio próprio, a oferta de serviços como autônomo ou *freelancer*, ou a atuação como empreendedor.

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



compor estatísticas do mercado informal, uma vez que os trabalhadores que perdem seus empregos no setor formal, não raro, são compelidos, por pressões financeiras, a se renderem ao setor informal, onde trabalham sem acesso à benefícios e aos direitos versados pela lei (STANDING, 2014).

Importante destacar que, ao longo de suas obras, Marx (2002) chamava atenção para o crescimento do capitalismo e a conseqüente população excedente. Ruy Braga afirma que “[...] o precariado, isto é, o proletariado precarizado, é formado por aquilo que, excluídos tanto o lupemproletariado quanto a população pauperizada, Marx chamou de ‘superpopulação relativa’” (BRAGA, 2012, p. 18).

Antunes (2015) contribui, ainda, ao elucidar que a precarização, ou seja, a flexibilização das formas de trabalho e dos direitos trabalhistas, resultam em redução de salário e de benefícios aos trabalhadores, no intuito de atender, prioritariamente, as expectativas das organizações que querem diminuir seus custos e responsabilidades com mão de obra. Resulta, por conseguinte, num aumento crescente da precarização através de contratos temporários e terceirizações que preocupam, uma vez que surge uma corrente individualista de trabalhadores que não se reconhecem como classe detentora de poder que pode se unir e lutar por seus direitos.

Assim, a flexibilização nas contratações e nos modelos de trabalho, a instabilidade do mercado, o crescimento da informalidade e o risco do desemprego, além de aumentarem a insegurança laboral, fragilizam o indivíduo no sentido de conquistar independência financeira e de planejar metas futuras para a classe trabalhadora. Desta forma, os ideais individualistas do neoliberalismo vêm assumindo o controle da sociedade do consumo, onde a consciência coletiva se fragmenta e perde espaço à medida em que os indivíduos precisam suprir seus interesses assumindo estratégias individuais de sobrevivência (SÁ, 2010).

PROMOÇÃO



APOIO



4 CONCLUSÃO

O estudo demonstrou a importância do trabalho para satisfazer as necessidades provenientes da vida humana em tempo de capital fetiche. No capitalismo, as pessoas dependem da venda de sua força de trabalho para receber a contraprestação necessária para satisfazer suas necessidades e também para se afirmar no meio social enquanto classe trabalhadora. Entretanto, na atualidade, o cenário de transformação constante do mundo globalizado tem trazido uma nova forma de moldar a sociedade, as organizações e o universo do trabalho.

Neste contexto, o fenômeno da precarização vem se sobressaindo como uma das consequências mais visíveis da flexibilização e incertezas do mercado de trabalho, que recomenda e prioriza a proliferação de formas de emprego em regimes mais flexíveis, com contratos parciais e provisórios, confirmando, assim, o declínio crescente da oferta de empregos típicos, mais estáveis e permanentes.

A revisão bibliográfica permitiu demonstrar que a tendência à fragilização do trabalho aponta para a supressão de direitos e garantias dos trabalhadores, e sinaliza para inseguranças e incertezas que podem desestruturar décadas de conquistas de direitos trabalhistas, propiciando instabilidade, redução dos salários, jornadas de trabalho descontínuas, entre outros prejuízos que podem culminar em uma sociedade com baixa qualidade de vida, pobre, e cruelmente explorada.

Conclui-se, então, que a precarização do trabalho em função do capitalismo contemporâneo e das questões relativas às transformações no mercado de trabalho no Brasil configura-se como um alerta sobre a nova organização do capital, onde se busca produções com um número cada vez menor de trabalhadores, que se submetem até às condições incertas e precárias do trabalho para garantir sua sobrevivência. Torna-se relevante, portanto, que a universidade acadêmica, a sociedade, os trabalhadores e as organizações debatam e divulguem amplamente o crescente cenário de ascensão da precarização do mundo do trabalho.

PROMOÇÃO



APOIO





REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serviço Social & Sociedade**, (107), 2011, p. 405-419.

_____. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. **Estudos Avançados**, 28 (81), 2014, p. 39-53.

_____. **Adeus ao trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16. ed. São Paulo, Sp: Cortez Editora, 2015.

_____. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital.. 2º ed. São Paulo, Sp: Boitempo, 2020.

AQUINO, A. B. C.; MOITA, D. S.; CORREA, G. M.; & SOUZA, K. O. Fenômeno da precarização e da flexibilização laboral no âmbito da universidade pública brasileira: o caso dos professores substitutos. **Athenea Digital**, 14 (1), 2014, p. 173-193.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado**: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2012.

DAL ROSSO, Sadi. **O ardil da flexibilidade**: os trabalhadores e a teoria do valor. São Paulo: Boitempo, 2017.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prod/a/V76xtc8NmkqdWHd6sh7Jsmq/>. Acesso em 13 de set. 2022.

DRUCK, M. G. **Terceirização**: (des)fordizando a fábrica. Um estudo do complexo petroquímico. São Paulo: Boitempo, 1999.

FONTES, Virginia. Capitalismo, imperialismo, movimentos sociais e lutas de classe. **Em Pauta**, n. 21, Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2008, p. 23-36.

GOMES, Cláudia. M. C. **Por uma Teoria do Capital**: Dependência e desenvolvimento econômico brasileiro no contexto da crise. 102f. Relatório Final de Pesquisa (Pós-doutorado em Economía Internacional y Desarrollo). Departamento de Economía Aplicada I, Universidad Complutense de Madrid, 2020.

GORZ, A. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Agência de Notícias, 2022. Disponível em: <[Desemprego fica estável, mas população subutilizada é a maior desde 2012 | Agência de Notícias \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/agencia-de-noticias/2022/09/10-desemprego-fica-estavel-mas-populacao-subutilizada-e-a-maior-desde-2012.html)>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

KOVÁCS, I. Reestruturação empresarial e emprego. **Perspectiva**, 21 (2), 2003, p. 467-494.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Livro I. Vol.1, ed. Trad. Reginaldo Sant' Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

POCHMANN, Márcio. **Desenvolvimento e Perspectivas Novas para o Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

SÁ, Tereza. “Precariedade” e “trabalho precário”: consequências sociais da precarização laboral. **Configurações**, v. 7, 2010, p. 91-105.

STANDING, G. O precariado e a luta de classes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 103, 2014, p. 924.

_____. **O precariado**: a nova classe perigosa. São Paulo: Autêntica, 2013.

PROMOÇÃO



APOIO

